

Fernando Barata

L'apparition de la photographie a profondément modifié la représentation picturale de la nature et de l'homme. Au cours du ^{xx}e siècle, c'est avec une grande liberté dans leurs emprunts mutuels que peintres et photographes se sont nourris les uns des autres et ont enrichi leurs regards sensibles et formels. Le transfert réciproque des techniques ne s'est pourtant pas fait sans bouleversement. S'il a permis à la photographie de s'imposer comme art à part entière, on peut se demander s'il n'a pas accompagné dans le même temps un certain recul du pictural alors que s'affermissait l'implantation de l'image de synthèse et de la vidéo dans l'appréhension du réel et du symbolique.

La réflexion plastique du peintre Barata est à cet égard intéressante, puisque son travail, loin d'être soumis ou neutralisé par cette accélération technologique, propose une intégration critique au service de l'invention de nouvelles formes pour son art. En toute logique, puisque la transformation de l'image est l'une des préoccupations majeures de sa recherche picturale depuis près de vingt ans. Le triomphe des courants néo-figuratifs en Europe au cours des années 1980 n'a pas laissé indifférent le peintre brésilien ; mais il a su privilégier une veine « transavangardiste » en cultivant une approche très lumineuse de la couleur et en métaphorisant par des symboles souvent abstraits ou très géométrisés l'évocation de la mer – sable, pierre, étoile, poisson, bateau, eau... – et la mémoire de sa ville natale, Rio de Janeiro.

Dans cette quête du renouvellement de l'image, Barata a choisi, pour ses dernières œuvres, de s'ancrer délibérément dans les bouleversements technologiques de son temps. L'ordinateur devient alors pour lui un organe de médiation. Un outil, mais non une fin, car le résultat de ses transformations de l'image qu'il agrandit, rétrécit, fragmente, défait et reconstruit, recolorise, etc., va lui servir à créer de nouvelles peintures.

Mais un paradoxe vient à l'esprit : le travail de conception des formes par l'ordinateur amènerait-il l'artiste à moins d'images ? Chez lui, il ne fait aucun doute que la dimension d'une plus grande abstraction rejoint ce qui est au fond le jeu éternel à partir de l'image, sur l'image et vers l'image. Dans une répétition dont on ne saurait se lasser.

Christine Frérot

O aparecimento da fotografia modificou profundamente a representação pictórica da natureza e do homem. Durante o século XX, foi com grande liberdade em seus empréstimos mútuos que pintores e fotógrafos alimentaram-se uns com os outros e enriqueceram seus olhares sensíveis e formais. A transferência recíproca das técnicas, no entanto, não foi feita sem transtornos. Se ela permitiu que a fotografia se impusesse como uma verdadeira arte, podemos nos perguntar se ao mesmo tempo ela não acompanhou um certo recuo do pictórico ao passo que a implantação da imagem de síntese e do vídeo se consolidaram na apreensão do real e do simbólico.

A reflexão plástica do pintor Barata é interessante sob este aspecto, pois seu trabalho, longe de ter-se submetido ou neutralizado por esta aceleração tecnológica, propõe uma integração crítica ao serviço da invenção de novas formas para a sua arte. Em perfeita lógica, pois a transformação da imagem é uma das preocupações mais importantes da sua pesquisa pictórica há quase vinte anos. O triunfo das correntes neo-figurativas na Europa durante a década de 80 não deixou o pintor brasileiro indiferente. Mas ele soube privilegiar uma inspiração "transvanguardista", cultivando uma abordagem da cor muito luminosa e metaforizando, com símbolos freqüentemente abstratos ou muito geometrizados, a evocação do mar – areia, pedra, estrela, peixe, barco, água – e a memória da sua cidade natal, o Rio de Janeiro.

Nesta busca da renovação da imagem, Barata preferiu, para as suas últimas obras, ancorar-se deliberadamente nas subversões tecnológicas do seu tempo. O computador torna-se então, para ele, um órgão de mediação. Uma ferramenta e não um fim, pois o resultado destas transformações da imagem que ele aumenta, diminui, fragmenta, desfaz, reconstrói, etc. serve para que ele crie novas pinturas.

Mas um paradoxo atravessa o espírito: o trabalho de concepção das formas pelo computador levaria o artista a menos imagens? Nele, não há qualquer dúvida de que a dimensão de uma maior abstração reencontra o que no fundo é o eterno jogo a partir da imagem, sobre a imagem e para a imagem. Numa repetição de que não temos como nos cansar.

Christine Frérot



Raízes nômades